BLOCO AFRO AKOMABU: Espaço de fortalecimento da identidade e autoestima entre crianças e adolescentes negros

Grace Kelly Silva Sobral Souza[(*)]

RESUMO

Fundado em 1979, o Centro de Cultura Negra (CCN) do Maranhão é a primeira organização do Movimento Negro criada no estado com objetivos pautados em uma perspectiva de valorização social, cultural, política e educacional das populações negras maranhenses. Atualmente, além de ser um espaço de combate ao racismo, o CCN desenvolve também uma série de atividades culturais, visando o fortalecimento da identidade negra e a valorização dos elementos de matrizes africanas, presentes na cultura maranhense. Destacamos aqui, o programa "Cultura e Identidade Afro-Brasileira" e, mais especificamente, o projeto Bloco Afro Akomabu criado em 1984, como instrumento de transmissão e valorização da cultura de origem africana entre crianças e adolescentes negros.

Palavras-chaves: Movimento negro; Bloco Afro Akomabu; Identidade e autoestima; Crianças e adolescentes.

AKOMABU AFRICAN BLOCK: A SPACE TO THE STRENGTHENING OF BLACK CHILDREN'S AND TEENAGERS' IDENTITY AND SELF-ESTEEM

ABSTRACT

Founded in 1979, the Black Cultural Center (CCN) of Maranhão is the first organization of the Black Movement in the State with established goals guided by a perspective of valorizing social, cultural, political and education of black people in Maranhão. Currently, besides being an area of combating racism, the Black Cultural Center of Maranhão also develops a series of cultural activities aimed at strengthening the black identity and appreciation of the African elements, present in the culture of Maranhão. We can point out "Culture and Identity African-Brazilian" and, more specifically, the Akomabu African Block, created in 1984 as an instrument of transmission and enhancement of African culture among children and teenagers.

Keywords: Black movement; Akomabu African Block; Identity and self-esteem; Children and adolescents.

BLOCO AFRO AKOMABU: SPACE DE RENFORCEMENT DE L'IDENTITÉ ET ESTIME DE SOI ENTRE ENFANTS ET ADOLESCENTS NOIRS

RÉSUMÉ

Fondée en 1979, le *Centro de Cultura Negra (CCN) do Maranhão* est la première organisation du *Mouviment Noir* dans l'État avec les objectifs établis guidés par une perspective de valorisation social, culturel, politique et l'éducation de populations noirs au Maranhão. Actuellement, en plus d'être un space de lutte contre le racisme, le CCN développe également une série d'activités culturelles visant à renforcer l'identité noire et l'appréciation des éléments africains, présents dans la culture du Maranhão. Nous rappelons ici, le Programme "*Cultura e Identidade Afro-Brasileira*" et, plus spécifiquement, le projet Bloco Afro Akomabu creé en 1984 comme un instrument de transfert et de valorisation de la culture africaine entre les enfants et les adolescents noire.

Mots-clés: Mouvement Noir; *Bloco Afro Akomabu*; Identité et estime de soi; Les enfants et les adolescentes.

(*) Graduanda em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), atualmente é bolsista do PIBIC e pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFMA, onde desenvolve pesquisas sobre Patrimônio Cultural Afro-Maranhense e Educação das Relações Étnico-Raciais.

O Bloco Afro Akomabu é o primeiro bloco afro criado pelo movimento negro no estado, o Centro de Cultura Negra do Maranhão. Estudar suas ações nos coloca no desafio de compreender as influências que ele tem provocado na sociedade maranhense, nas suas três décadas de existência, através de uma proposta de atribuir visibilidade aos descendentes de africanos escravizados no Maranhão.

As inquietações que consequentemente deram origem a esta proposta de estudo foram ocasionadas por alguns aspectos que consideramos importantes destacar: − a criação do bloco se deu no interior de uma organização que tem por objetivo promover mobilizações políticas de combate ao racismo; − desde a sua criação, o Bloco Afro Akomabu mantém uma proposta de revitalização da memória cultural afro-maranhense, tanto entre seus componentes como para a sociedade envolvente; − observamos preliminarmente, no campo empírico da pesquisa, uma relação afetiva de crianças e adolescentes com o bloco Akomabu, e a partir dessa constatação, procuramos elaborar uma proposta de estudos visando compreender, a partir dos seus integrantes, os motivos que impulsionam essa afeição e a permanência nas atividades do Akomabu, prolongada por várias gerações; − a constatação de escassez de estudos em uma perspectiva que dê conta de perceber as relações entre atividades desenvolvidas por um bloco afro e seus efeitos na autoestima de crianças e adolescentes,considerando que, a realidade social na qual o bloco está inserido apresenta situações de risco, tanto para crianças e adolescentes quanto para suas famílias, por ser uma área de periferia, desprovida de políticas públicas. Consideramos importante compreender de que forma a atuação dessa organização contribui com o fortalecimento da consciência desses segmentos, para superação desses e de outros obstáculos.

Com uma estimativa de mais de 800 participantes, o Bloco Afro Akomabu compreende, a Bateria Akomabu, formada apenas por instrumentos de percussão, os dançarinos do Grupo Abanjá, frequentadores que têm assiduidade nos ensaios, além de pessoas de bairros vizinhos e, até mesmo distantes do bairro/sede do bloco, como é o caso do município de São José de Ribamar e do bairro da Cidade Operária e do Maiobão (localizado no município de Paço do Lumiar, Região Metropolitana de São Luís, capital do estado do Maranhão).

Portanto, neste contexto, o desenvolvimento de atividades voltadas para a valorização da cultura negra através do reconhecimento da importância das contribuições dos africanos escravizados e seus descendentes no processo de formação da sociedade brasileira torna-se indispensável, por contribuir para o fortalecimento da autoestima e para o rompimento das barreiras sociais impostas pelo racismo. Este artigo é da primeira fase desta pesquisa de iniciação científica

financiada pelo CNPq, que foi realizada antes e durante o carnaval 2012, compreendendo os ensaios ocorridos na sede do CCN e nos chamados ensaios de rua, que ocorrem em outros bairros da cidade, cujos diagnósticos serão relatados no decorrer deste trabalho.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO BLOCO AFRO AKOMABU

Falar sobre o Bloco Afro Akomabu nos remete ao Centro de Cultura Negra do Maranhão, a primeira entidade do Movimento Negro do Maranhão, fundada em 19 de setembro de 1979, voltada especialmente à questão do negro no contexto social atual, com atividades de combate ao racismo e a qualquer forma de discriminação enfrentada por negros afro-maranhenses, tanto no espaço urbano, quanto rural.

Construída para fins militares, em 1821, para funcionamento de uma Casa de Pólvora, a atual sede do CCN-MA também fora, em meados do século XIX, utilizada como depósito de escravizados.

No dia 05 de dezembro de 1978, o prédio onde hoje funciona o CCN foi reconhecido como patrimônio histórico artístico e paisagístico do estado do Maranhão. Porém, a obtenção da sede por meio legal só ocorreu através da Lei Municipal 3.373, de 29 de dezembro de 1994.

> Art. 1º. Fica o Poder Executivo autorizado a fazer doação ao Centro de Cultura Negra do Maranhão, do domínio pleno de uma área de terreno situada na rua dos Guaranis, Quadra 223, Lote 298 – Bares, bairro do João Paulo.

Em 19 de setembro de 1978, foi criado o primeiro grupo a se preocupar, em termos políticos, com a questão racial numa cidade em que 90% da população é negra. O grupo era formado por profissionais liberais, estudiosos, universitários. Em 1979, foi criado oficialmente, o Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN), com aprovação e publicação do estatuto no *Diário Oficial*, passando, então, a entidade e ter personalidade jurídica. Em 1980, assumiu a sua primeira diretoria, cuja linha de ação se pautava por uma perspectiva social, política, cultural e educacional. [...] Em dezembro de 1985, finalmente obtivemos o prédio onde outrora funcionou um dos mercados de escravos de São Luís. [...] (LEITE, 1987, p. 110).

À época de sua utilização original não existiam as mínimas condições de sobrevivência (iluminação, ventilação, higiene, alimentação, entre outros). Após uma série de reformas, o prédio passou a ser utilizado como espaço de produção cultural e política no combate ao racismo e no resgate da autoestima negra, através de atividades educativas, formativas, mobilizadoras por intermédios dos programas e projetos institucionais, desenvolvidos pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão, conforme relacionados abaixo.

> **Programa Formação e Educação**: voltado para a defesa dos direitos das populações negras frente à realidade social. Como projeto, esse programa deu margem para a criação do *Projeto Quilombo e Resistência Negra*, cujo objetivo pauta-se no desenvolvimento de ações com caráter educativo, político e cultural em comunidades negras rurais, além de atuar com políticas públicas de reconhecimento das comunidades quilombolas maranhenses.
>
> **Programa de Políticas Públicas e Direitos Humanos**: Possui quatro metas essenciais que firmam as políticas públicas para a melhoria da qualidade de vida da população negra, são elas: direitos civis, direito político; direitos econômicos e sociais e o direito à fraternidade. Dentre esse programa, pode-se citar o *Projeto Vida de Negro* cujo principal objetivo é assegurar os Direitos Humanos em prol das comunidades quilombolas.
>
> **Programa Desenvolvimento Institucional:** Enquadram-se aqui todas as atividades internas, desde o planejamento à avaliação de todos os trabalhos realizados.
>
> **Programa Cultura e Identidade Afro-Brasileira:** Um dos principais instrumentos de divulgação das manifestações culturais, o programa objetiva sobretudo o fortalecimento da identidade e autoestima negra a partir da cultura afro-maranhense. É nessa visão que se enquadram quatro projetos que resumem em sua totalidade o papel do CCN. São eles: *Banda Afro Akomabu*; *Grupo de Dança Afro Abanjá*; *Arte Erê* e o *Bloco Afro Akomabu*, foco desta pesquisa. De início, afirma-se que ambos possuem caráter formativo a partir do momento em que o enfoque principal é a transmissão da cultura afro quer seja através da dança, da música ou do acesso aos próprios saberes culturais.

Algumas atividades do CCN são desenvolvidas em parceria com outras instituições, como a *Rede Amiga da Criança* e o programa *Criança Esperança* como é o caso do projeto Arte Erê. Contudo, focalizaremos a atenção especialmente ao Bloco Afro Akomabu, sem perder a dimensão, de que o bloco está relacionado com os demais projetos do Programa Cultura e Identidade Afro-Brasileira.

> Nesses 23 anos, o Centro de Cultura Negra do Maranhão tem trabalhado com políticas alternativas de educação e cultura, como algumas ações de pesquisa, mas principalmente com cursos, oficinas, seminários e outras formas de reflexão e debate, incluindo política editorial, como para publicação de livros, cartilhas, e folders, além da criação e manutenção de grupos artísticos, como de dança, música, capoeira, teatro, etc., dos quais se destaca o Bloco Akomabu – essencialmente educativo do Movimento Negro Maranhense. (Documento CCN, 2002).

O nome Akomabu teria sido dado, segundo integrantes do CCN, por um africano da República do Benin, que esteve em São Luís na década de 1980 e que, segundo ele, a palavra Akomabu significa "a cultura não deve morrer". O bloco foi criado no dia 03 de março de 1984, pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão, como uma das formas de combate à discriminação racial e de valorização da identidade negra. Possuindo sede no bairro do João Paulo, o bloco é

composto também por moradores de diversas outras regiões da periferia de São Luís, em particular, por crianças e adolescentes negros(as).

Ao longo dos anos, desde a sua criação, as diversas gestões que se sucederam na administração do CCN-MA, tem clareza de que o Bloco Afro Akomabu é um instrumento para levar às ruas os objetivos de valorização e fortalecimento da cultura negra no Maranhão, através do ritmo Ijexá, utilizando instrumentos como atabaque, agogô, cabaça, marcação, tumbadora e timbal, cujas letras das músicas enfatizam a importância histórica, as conquistas e a beleza negra, bem como os entraves e injustiças perpetuados pelo racismo.

2. A CULTURA NÃO DEVE MORRER: O BLOCO AFRO AKOMABU E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL

Além de ser uma forma de expressar a cultura afro-maranhense em épocas de carnaval, o Akomabu também contribui enquanto espaço educativo não formal, no sentindo de trazer aos integrantes do bloco, os batuques, a musicalidade e a dança, como elementos importantes para o fortalecimento da negritude.

> [...] o Centro de Cultura Negra voltou-se para a questão cultural, surgindo, assim, com a terceira direção, o Bloco Afro-Maranhense Akomabu (que no dialeto ewe, originário do Daomé, hoje Benin, significa – não deixar a cultura morrer) tornando-se o elo de ligação entre o CCN e a comunidade. Neste mesmo ano, o Bloco saiu pela primeira vez nas ruas durante o Carnaval com 32 componentes, ocasião em que as músicas, a dança e o colorido chamaram a atenção das pessoas da cidade. [...] A criação do Bloco Akomabu atraiu outros negros para o Centro de Cultura Negra. (LEITE, 1987, p. 111).

Enfrentando as barreiras do preconceito, o Bloco Afro Akomabu colocou-se nas ruas como forma de protesto e, ao mesmo tempo, como alternativa para divulgar a cultura afro-maranhense durante o período carnavalesco, especialmente, no carnaval de 1988, centenário da aplicação da Lei Áurea, que abolia oficialmente a escravidão no Brasil, chamando a atenção tanto dos organizadores do carnaval, quanto de outras agremiações participantes, como blocos e escolas de samba e até da mídia.

> Com o anúncio de invasão da passarela do samba, a praça Deodoro e, consequente apoio do povo, que insistentemente pedia a presença do bloco Akomabu, os 1.500 brincantes contagiaram o público, quebrando a ordem do desfile do domingo gordo e demonstrando que de nada valem as "briguinhas" entre a Comissão de Carnaval e os representantes carnavalescos de São Luís, antes de o samba ir para a avenida. [...] "Nós não estamos na avenida para competir e sim para resgatar o próprio Carnaval do Maranhão; portanto, decidimos entrar na passarela na força", frisou Carlão. (Jornal Diário do Norte, 1988).

Em 1985, houve a escolha do primeiro tema do Bloco Afro Akomabu intitulado "Luta de Negro", a partir de então, a cada ano o bloco vem trazendo temas variados, referentes à história dos negros no Maranhão, conforme relacionado abaixo

1986 – Pérolas Negras;
1987 – Negrice Axé;
1988 – Africanto;
1989 – 10 anos do CCN;
1990 – Religião Mina no Maranhão;
1991 – Reggae: da Jamaica ao Maranhão;
1992 – Quilombos e quilombolas;
1993 – Frechal, terra de preto;
1994 – Raízes África Brasil;
1995 – Tricentenário de Zumbi dos Palmares;
1996 – Orixás, os deuses africanos no Brasil;
1997 – Rainhas negras do reino Akomabu;
1998 – Bairro da Liberdade: espaço e expressão da negritude;
1999 – CCN 20 anos de história;
2000 – Axé povo Afro Tupy;
2001 – Tambor de crioula;
2002 – Religiosidade africana no Maranhão: do Jejê-Mina ao Nagô;
2003 – Abanjá: um mergulho na cultura afro do Maranhão;
2004 – Da África ao Maranhão: Akomabu cultura e tradição;
2005 – Codó: terra dos Encantos e Magia da Cultura e Tradição Afro Maranhense;
2006 – Periafricana: Da Capoeira ao Hip-Hop;
2007 – Procissão quilombola em busca da paz;
2008 – 120 anos da Falsa Abolição – Akomabu vem protestar;
2009 – CCN: 30 anos – Omoobá, Pretas Velhas e Ervas Medicinais;
2010 – África: um legado de sabedoria;
2011 – Do Ilê Aiyê da Bahia ao Akomabu do Maranhão: Negro toca tambor, mas também quer poder;
2012 – Ilha Negra de São Luís.

A participação de crianças e adolescentes, por sua vez, sempre fora presente no Bloco Afro Akomabu, demonstrando que, para a coordenação do CCN, a transmissão e valorização da cultura se dão de forma significativa e atuante no processo de afirmação da identidade negra.

Segundo Santos (2007), identidade étnica pode ser entendida como meio de compreensão que um indivíduo tem de si, com base no sentimento de pertencimento a um grupo social, podendo expressar seus significados a partir da linguagem e dos símbolos construídos com base no contexto social a que o mesmo faz parte. As identidades étnicas e culturais se inter-relacionam, na medida

em que se cruzam mutuamente em um processo de valorização, tanto dos traços raciais, quanto das manifestações de matrizes africanas.

No objetivo de explicitar a importância do Bloco Afro Akomabu no processo de formação simbólica da identidade negra a partir da participação das crianças e adolescentes, registramos aqui o relato de um dos cantores do quadro que desde criança fez parte do "bloco "Os Filhos do Akomabu".

> Eu estou no bloco desde 1996, então faz uma conta de 16 anos no bloco. Conheci o bloco através da batucada mesmo, que era praticamente ao lado da minha casa, então com a batucada que eu fui conhecer o bloco. Estava lá enquanto uma criança que queria me divertir e gostava da musicalidade. Na época tinha um bloco chamado Os Filhos do Akomabu que era formado pelos filhos dos integrantes do bloco e ali eu ingressei como mais um percussionista, depois eu entrei no Bloco Akomabu adulto e estou até hoje. (R.S.; 24 anos; cantor do Bloco Afro Akomabu).

De acordo com os relatos desse informante, o bloco Os Filhos do Akomabu surgiu entre os anos de 1994 e 1995 e tinha como principais integrantes os filhos dos participantes do Bloco Afro Akomabu.

> O Bloco era bonito, muitas pessoas gostavam de ver, aquelas crianças todas botando as roupas estampadas, tocando aquelas músicas, dançando aquelas músicas. (R.S.; 24 anos; cantor do Bloco Afro Akomabu).

É possível observar, nessa perspectiva, que a criação do bloco Os Filhos do Akomabu foi fundamental para assegurar a participação das crianças no Centro de Cultura Negra, mesmo depois do carnaval, conforme o relato abaixo, apresentado por um informante de 23 anos, que participa do Akomabu desde a infância.

abu e Abibimã sacodem a galera

resgatar a cultura negra, os blocos dão um show de coreografia no Anel Viário

O tradicional bloco Akomabu levou mais de 2 mil pessoas para a passarela, que ao som cadenciado e uma bela coreografia contagiou os foliões na avenida

> No tempo tinha várias crianças que acompanhavam o bloco. Numa preocupação e uma tentativa dos pais se divertirem juntos com os filhos criaram Os Filhos do Akomabu. Era uma forma de a família toda acompanhar o bloco. Isso deu um bom resultado, descobriu varias riquezas: Welson, o melhor percussionista que já existiu no CCN; Robinho, um grande cantor; Eu me dei bem no campo político; negrão e etc..Tínhamos umas músicas que apesar de cantadas pelo "blocão" era nossas marcas, mas Os Filhos do Akomabu tinha aulas separadas do "blocão". O mestre

> Augusto dava aula pra gente separados, fazíamos ate apresentação separados. Mas, éramos todos percussão. O Abanjá era da parte das danças. Com a saída do mestre, não foi dado continuidade ao projeto. (M.O; 23 anos; ex-integrante do bloco Os Filhos do Akomabu e militante do CCN).

O bloco mirim possuía tanto o objetivo cultural como educativo e formativo, já que a construção do mesmo voltou-se ao ensino-aprendizado da percussão, da musicalidade e da dança, estimulando a permanência de muitas daquelas crianças, nas diversas atividades desenvolvidas pelo CCN, inclusive, como percussionistas e cantores do atual Bloco Afro Akomabu.

> Eu costumo dizer que é o que de fato é o Akomabu! Não é um bloco por si só, que só está na rua pra batucar. É um bloco que tem essa preocupação em levar mensagem de resgate da autoestima das populações negras, o que foi muito importante nesse meu processo de assumir a minha negritude, de me assumir enquanto negro através das músicas. As letras das músicas vêm contando toda uma história onde a gente acaba aprendendo com essas músicas que somos bonitos, ao contrário do que aprendemos na sociedade. Eu lembro que quando criança eu não me aceitava enquanto negro e o Akomabu conseguiu desconstruir isso da minha mente e hoje eu me assumo enquanto negro porque lá no CCN a gente aprende que negro é bonito, que as nossas mulheres são bonitas, que ter o cabelo "pixaim" não é sinônimo de inferioridade, apesar de não estar no padrão colocado pela mídia. E a gente sabe que não é verdade, essa questão de você ser bonito apenas se você tiver o cabelo lisinho, como nariz "afilado". Tudo isso eu aprendi lá no Centro de Cultura Negra do Maranhão, através do Bloco Afro Akomabu, com as músicas, através das discussões, dos debates, a gente vai crescendo. É um processo de desconstrução que o Centro de Cultura Negra do Maranhão me proporcionou através do Bloco Afro Akomabu. (R.S.; 24 anos; cantor do Bloco Afro Akomabu).

Atualmente, o Bloco Afro Akomabu possui, aproximadamente, 200 crianças e adolescentes, meninos e meninas, distribuídos(as) entre a bateria Akomabu, o grupo Afro Abanjá e os participantes dos ensaios e circuitos do carnaval. Porém, de acordo com um dos entrevistados: "Hoje tem um número muito reduzido de crianças". (M.O., 23 anos).

Uma outra forma de participação dessas crianças e adolescentes é através do Projeto Arte Erê, cujo objetivo é o despertar das habilidades artísticas e culturais através da dança, da música e

das produções artesanais, envolvendo as comunidades vizinhas à sede do CCN.

(**Figura 03**. A cultura não deve morrer – ensaio do Bloco Afro Akomabu – 19/11/11).

3. FILHOS DO AKOMABU: PERFIL DOS PARTICIPANTES E SUAS RELAÇÕES COM O BLOCO AFRO AKOMABU

No carnaval de 2012, segundo a comissão organizadora (com base em indicadores de participantes demonstrados no Seminário Akomabu), o Akomabu conseguiu envolver mais de mil pessoas durante os seus ensaios, dentre as quais, muitas crianças e adolescentes, objeto dessa pesquisa. Cabe enfatizar, porém que, durante as observações e aplicação dos questionários, constatamos que a maioria das crianças e adolescentes, estava acompanhada dos seus pais e responsáveis, o que nos leva a pensar o CCN, como um espaço de agregação familiar, tanto do ponto de vista do lazer como do fortalecimento da identidade negra.

Chama-nos a atenção ainda, que além de Filhos do Akomabu, é possível identificar, atualmente, o que poderia ser definido como "Netos do Akomabu", posto que, muitos dos que integraram o grupo inicial (Filhos do Akomabu) já constituíram famílias com filhos e filhas que os acompanham, participando como percussionistas ou dançarinos(as) do Bloco Akomabu, revelando que, o sentimento de pertencimento é transmitido desde a primeira geração de participantes do Bloco Afro Akomabu no convívio família-criança, contribuindo como o fortalecimento da autoestima. Não se pode perder de vista ainda, que esse sentimento de pertencimento, estende-se para além das áreas vizinhas à sede do CCN, envolvendo também, bairros distantes à sede, como Cidade Operária, Maiobão e o município de São José de Ribamar, de onde muitas famílias se deslocam para participar das atividades do Bloco Akomabu.

É possível sugerir, portanto, que a participação desse contingente de crianças e adolescentes no CCN, especialmente nos períodos relativos ao carnaval, está relacionada à continuidade histórica de indivíduos ou famílias que se identificam com aquele lugar e, ao mesmo tempo buscam ali um espaço de referência, pois, estar entre os seus iguais, é também uma forma de se sentir fortalecido.

Na aplicação dos questionários, tanto com as crianças/adolescentes quanto com os próprios pais e responsáveis, destacamos alguns pontos que consideramos essenciais para uma análise coerente sobre o nosso universo de pesquisa, tais como: tempo de permanência no bloco; impressões sobre o bloco e participação em outros projetos do CCN além do Bloco Afro Akomabu.

Entre as crianças e adolescentes, foi observado que o impulso inicial para as participações no bloco se deu através da família, vista como principal formador da identidade. "Conheci o Bloco Afro Akomabu através do meu primo que participava da bateria." (entrevistada I, 18 anos). Este fato demonstra o caráter de construção de um patrimônio étnico-cultural, pois as relações dos indivíduos com o bloco seriam travadas como parte da formação da sua vivência coletiva, familiar e social.

Aspectos sociais também foram questionados, uma vez que o processo de afirmação da negritude se dá, também, pela aceitação da sua cor. Nessa perspectiva, todas as crianças se consideram pretas ou pardas, demonstrando mais ainda o caráter de pertencimento étnico do grupo. Não deixa de ser relevante que, apesar das dificuldades que uma parte expressiva da população tem de assumir-se enquanto negra devido ao forte racismo da sociedade, ao passo que seus integrantes não enfrentam este problema.

O tempo de permanência no bloco fora analisado paralelamente à idade de cada entrevistado, o que demonstrou que, muitos destes começaram a participar do bloco quando pequenos, mas especificamente recém-nascidos, como é o caso de dois dos entrevistados que possuem 16 e 17 anos de integração com o bloco. Fica assim evidenciada a importância que as famílias dão à preservação de um bem cultural que deve ser transmitido de geração para geração.

Muitas das crianças e adolescentes fazem parte de alguns segmentos específicos do bloco como a Bateria Akomabu. Quando perguntados sobre a participação em outros blocos afros ou carnavalescos da cidade, a resposta foi concomitante: "Não". O que comprova que a fidelidade e o amor ao bloco ultrapassam a vontade de abandoná-lo. Para compreensão do processo de formação da identidade negra foram solicitadas 4 (quatro) palavras que definissem o Bloco Afro Akomabu

para cada entrevistado, as respostas mais recorrentes foram o "amor" , a "paixão", a "emoção", a "luta", o "protesto" e a "ancestralidade".

No que tange à opinião dos pais e responsáveis, verificamos inicialmente, que a participação das mães com seus respectivos filhos é intimamente superior à dos homens. De mães, com idade entre 25 e 37 anos, observou-se que o processo de formação da identidade ocorreu em sua maioria também pelo intermédio da família e com características parecidas com a dos filhos – muitas começaram a participar assim que nasceram. "Conheci o Bloco Afro através do meu tio que sai há anos e, através das visitas que fazia ao CCN acabei me apaixonando pelo Akomabu. O CCN é a minha segunda família." (entrevistado II; 25 anos). Sobre as impressões, observou-se que o Bloco Afro Akomabu de uma certa forma está calcado na vida de cada uma, porém com perspectivas diferentes.

> O Bloco Afro Akomabu em si me deixa muito feliz... a cultura não deve morrer.[...] É um sentimento contagiante, dá arrepios, dá um tremor [...] Bastante alegria e um sentimento bem acolhedor. (Depoimentos de algumas entrevistadas).

São dados que, mesmo obtidos através da aplicação de questionários, revelam, de forma qualitativa, os sentimentos do público-alvo e a contribuição que as instituições afrocentradas podem ter no que concerne à construção da identidade negra, à formação do pertencimento étnico e à valorização de uma cultura socialmente subalternizada e vítima de discriminações..

4. CONCLUSÃO

O Bloco Afro Akomabu permite que se conheça a história afro-maranhense, de forma prazerosa, independentemente de estar-se inserido ou não, em suas atividades. Tentamos compreender e também demonstrar como Barreto (2004), que o cotidiano, para ser interpretado, deve estar atrelado ao interesse dos olhos que observam, ou seja,

> a apresentação de um espetáculo de danças típicas não são apenas atrativos para os turistas que estão de passagem. Constituem também uma ferramenta para professores e pais que queiram ensinar às crianças, e para todos aqueles cidadãos que queiram aprender a história local de uma forma lúdica e prazerosa. (p. 47).

Ao tecer *A distinção crítica social do julgamento*, Bourdieu (2007) ressalta a importância do pertencimento e do autorreconhecimento dos indivíduos junto ao grupo em que se encontram inseridos. De acordo com ele, existe uma "identidade social e marcada profundamente por esta filiação e pela imagem social que ela impõe, devem inevitavelmente considerá-la como referenda, independentemente de ter sido assumida ou rejeitada". (p. 99). Desta forma, cada grupo necessita da

legitimação desta sua identidade, que só pode ser mantida em espaços que rememorem e transmitam tais elementos às novas gerações, mantendo vivo seu patrimônio cultural.

> No mesmo sentido, as análises sobre o racismo mostraram que a justaposição de grupos diferentes conduz a representações contrastantes: cada grupo tende a opor uma definição da conduta conveniente, valorizada, a uma conduta menosprezada, a do outro grupo. [...] Como a identidade social reside na diferença é em relação ao mais próximo ─ este, aliás, representa sua maior ameaça ─ que se afirma a diferença. (p. 54).

Comprovando esta existência de espaços de construção da identidade do grupo através da cultura, Figueiredo (2009) demonstra que as populações afro-brasileiras lançam mão de variadas expressões artísticas para efetivar sua luta antirracista. Tal engajamento político só tem razão de ser quando desenvolvido coletivamente uma vez que é vinculado à etnia, um fator que não é individual, mas coletivo. Percebe-se então que é apenas através da vivência coletiva que o negro se torna negro. Com efeito, as próprias idiossincrasias que formam a personalidade humana também exercem influência sobre o processo de efetivação da identidade e autoestima negra dos integrantes do grupo, formando uma negritude individualizada em cada um dos artistas/militantes.

> Não há representação no singular: o sujeito é um conjunto de identidades que convergem e divergem ao mesmo tempo. Temos a nacionalidade, a 'regionalidade', o gênero, a raça, a família e a experiência como inerentes na construção de nossa 'Identidade'. (p. 41)

Entende-se que o Bloco Afro Akomabu perpassa o seu valor cultural enquanto espaço de transmissão da cultura de matriz africana para seus componentes, bem como compreende a sua importância na formação da identidade étnica da criança/adolescente participante do mesmo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a Autoestima da Criança Negra. In. MUNANGA, Kabengele. (Org.). *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: MEC/Secad, 2008. p. 113-119.

BLOCO AFRO AKOMABU. São Luís: Centro de Cultura Negra do Maranhão, n. 1, fev. 2011.

BOURDIEU, Pierre. *Distinção crítica social do julgamento*. Trad.: Daniela Kern e Guilherme F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. 560p.

BRAGA, Ana Socorro Ramos. (Coord.); GOMES, Clícia A. Abreu; MENEZES, Flavia A. Oliveira. *Tambores do Piqui, cartas de liberdade*: memória e trajetória da comunidade Piqui da Rampa. São Luís: Gráfica Gêneses, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Viver de Criar Cultura, Cultura Popular, Arte e Educação. In: SILVA, René Marc C. Silva. *Cultura Popular e Educação*. Brasília: MEC/SED, 2008. p. 25-38

CRUZ, Mariléia dos Santos. *Nem tudo é valentia ou vadiagem*: práticas culturais e usos de símbolos de civilidade por escravos, forros e mestiços na Província do Maranhão oitocentista. Disponível em: <http://www.outrostempos. uema.br>. Acesso em: 23 maio 2011.

FIGUEIREDO, Fernanda R. *A mulher negra nos Cadernos Negros*: autoria e representações. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – UFMG, Belo Horizonte, 2009.

LEITE, Sílvia Cristina Costa. Centro de Cultura Negra do Maranhão. *Caderno de Pesquisa*, n. 63, nov. 1987.

SANTOS, Isabelle Pires. Identidade, relações étnico-raciais e a capoeira: os olhares de uma escola. In: AGUIAR, Márcia A.; OLIVEIRA, Iolanda de; OLIVEIRA, Rachel de. (Org.); SILVA, Petronilha B. Gonçalves. (Org.). *Negro e Educação*, 4. São Paulo: Ação Educativa; Anped, 2007. p. 130-149.

SILVA, Acildo Leite. *Memória, tradição oral e a afirmação da identidade étnica*. Disponível em: <http://www. anped.org.br/reunioes/27/inicio.htm>. Acesso em: 23 jun. 2011.

SILVA, Carlos Benedito R. *Ritmos da Identidade*: mestiçagens e sincretismo na cultura do Maranhão. São Luís: SEIR/FAPEMA/EDUFMA, 2007.

Artigo recebido em: março de 2012.

Aprovado em: maio de 2012.